

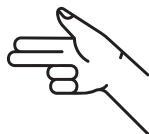
FRICÇÃO CIENTÍFICA

EXPOSIÇÃO DE BEATRIZ CAPITULÉ

Curadoria
João Francisco Reis

De 25 de Maio a 6 de Setembro de 2025
Segunda a Sábado das 18h às 22h

Galeria Zé dos Bois
Rua da Barroca, 59, Lisboa
zedosbois.org



Um tiro. Drrrrrrhhh. Uma linha. Drrrrrrhhhh..
Parecem disparos, numa só direcção.
Gestos que atropelam as marcas no papel; mas após o primeiro disparo, uma nova fenda.
Não nos enganemos. A Beatriz está mais uma vez a tentar encenar qualquer coisa, um novo território talvez, uma catástrofe que se dobra e se desdobra ao longo da exposição.

Eu volto sempre às linhas. Como se revelassem alguma coisa. Procuram-se coisas, objectos. Mas nada se forma. As linhas dissolvem-se e diluem-se.

Primeiro aparece o desenho, em papel e a grafite, às vezes a marcador ou a esferográfica, depois a manipulação digital, o acetato impresso, a retro projecção, o redesenhar na tela com as dezenas de marcadores permanentes, e finalmente a textura da lã, pressionada na tela. É estratificado, o processo, demora.

É o que acontece, não é? Olhamos um sedimento de decisões. O desenho — já um intervalo. Depois a edição, a manipulação, a sugestão de controlo. Mas o controlo escorrega.

E depois tens o acetato — um fantasma — outro intervalo que desaparecerá para se tornar qualquer coisa. Em constante movimento. No entanto fixam-se; estas pegadas não desaparecem. O trabalho está sempre a sugerir o seu próprio rasto e a tentar vislumbrar o passo seguinte. Vemos marcas, no presente, que confluem em temporalidades diferentes.

Isso, e depois a projecção na tela, o gesto de voltar a desenhar, escavar novamente, não num processo nostálgico, mas de estratigrafia. Cada camada contém vestígios da anterior, recusando-se a clarificá-la.

Sim, refazer primeiro, e só depois fazer.
Always different, always the same.

Sente-se isso no processo de tufting: é final, mas desgovernado. A lã recusa-se à obediência do desenho. Há sempre a ilusão de algo, não como se nos estivessem a mentir; é geológico, embora não ilustrativo. Não se trata de evocação imagens — vulcões, grutas ou cavernas —, mas sim da consciência de pressão, de um tornar-se matéria. O Roger Caillois¹ fala disso, sobre as pedras — como se estivessem a escrever, ou a inscrever determinada coisa, lentamente, sem o saberem.

Parece-me, então, sempre um equilíbrio entre intenção e acidente, o intervalo entre a linha que é escolhida e a que se sobrepõe à anterior. As linhas fazem o que querem. Uma empurra a outra, que empurra a outra — traem a fonte.

E é aí que chegamos — espectadores —, sempre atrasados. À procura de sinais, signos, de qualquer coisa, mas perdidos na abstração, empurrados de volta à tela e obrigados a olhar de novo.

Vêm-se pregos, vêm-se riscos de caneta; rasgos e restos.
Cria-se uma tensão física que rasga a epiderme da tela, cria fissuras.
Vê-se através dos engradados que acomodam gestos selvagens.
Acomodam não... que demarcam gestos selvagens.
Selvagens, não... hum... rupestres?

Enérgicos.
Não são só as imagens, é também o que as permite.
Ecrãs que denunciam um tal território, que emergem
de algo que eles próprios criam; o seu lugar.
Competem com a ordem de um rio de lava e,
impacientes, movem-se de forma angular, colocando-se
frente a frente com o que lhes é natural — o lugar do seu
próximo destino.

São matéria como o são as linhas de lâ.
Matéria expandida. Movimento perpétuo.

São também eles selvag... enérgicos.
Agem de forma a se fixarem.
Tal como os minérios, nestas salas do 49, fazem-no em movimento. Cresce-
lhes o corpo, ganham forma escultórica. São objectos no espaço.

Contêm uma espécie de calor, uma fermentação
algures. Não se trata de uma catástrofe num momento
único, apocalíptico, mas num desenvolvimento geológico
lento — transformação, compressão, fricção.

Repetições cadenciadas, talvez.

É o resultado de um encosto que não desiste. Demora tempo, este aperto. Uma insistência que se dobra, como as rochas que colidem lentamente e formam curvaturas, novos traços.

As perfurações da agulha no tecido, essas insistências, reencenam-se continuamente.

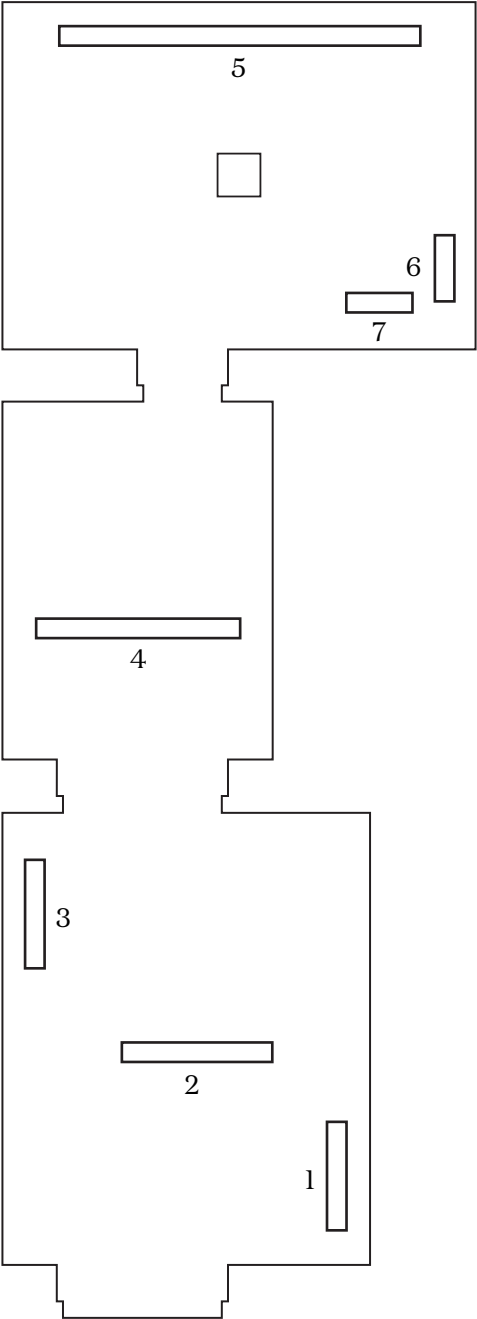
Ou se calhar nem é uma catástrofe. Mas então o que olhamos, na verdade?

Olhamos para as coisas em transformação, em frente.

Não sei se é bem assim. Talvez qualquer coisa a não ser feita, ou a ser desfeita. Qualquer coisa que se recusa a ser feita plenamente. Está-se sempre a interromper.

São deformações criadoras, desaterros da percepção e do processo, a imagem como uma entidade instável. É a abstracção como uma inteligência lenta e material. O compromisso com o inquietante e o inapreensível, uma prática estruturada numa forma de geologia estética, não só no motivo, mas para além disso; na transformação das obras num registo estratificado de pensamento, uma arquitectura do tempo e da pressão.

1. Toma-se a liberdade de piscar o olho ao “The Writing of Stones” de Roger Caillois, livro de 1970, onde o sociólogo francês examina padrões revelados através do polimento de várias secções cortadas de minerais.



1. *Entendimento Particular*, 2024

Lã sobre tela, alumínio e pregos

85 × 150 × 6 cm

2. *Onda de Choque*, 2025

Lã sobre tela, alumínio e pregos

240 × 170 × 8 cm

3. *Jackpot*, 2025

Lã sobre tela, alumínio e pregos

185 × 148 × 6 cm

4. *Limítrofe*, 2025

Lã sobre tela, alumínio e pregos

190 × 220 × 8 cm

5. *Ligamentos Cruzados*, 2025

Lã sobre tela, alumínio e pregos

100 × 490 × 3 cm

6. *Rastilho de Arrasto*, 2024

Lã sobre tela, alumínio e pregos

204 × 70 × 3 cm

7. *Dobra*, 2024

Lã sobre tela, alumínio e pregos

204 × 86 × 3 cm

Curadoria
João Francisco Reis



Organização & produção
Galeria Zé dos Bois

Montagem
Vitaly Tkachuk

Design gráfico
Sílvia Prudêncio

Comunicação
Alice Vale de Gato

Agradecimentos

Tita, Laura, Gama, Maria, Rita, Manuel, João Motta Guedes, João Paulo, Igor, Luísa, Caetana, Daniel, Bruno, pessoal da ZDB e família. Um agradecimento especial ao Natxo, ao Rafael, e aos Joões, o João Maria e o João Francisco.

GALERIA ZÉ DOS BOIS

Rua da Barroca 59, Bairro Alto, Lisboa
Segunda a Sábado, 18h–22h
zedosbois.org
[@galeriazedosbois](https://www.instagram.com/galeriazedosbois)

A ZDB é financiada pela República Portuguesa – Cultura / Direcção Geral das Artes e tem o apoio da C.M.L. e do Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social. A ZDB integra a RPAC - Rede Portuguesa de Arte Contemporânea.